


**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO MEDIADORA E
POTENCIALIZADORA DA APRENDIZAGEM**

**INCLUSIVE EDUCATION: ARTIFICIAL INTELLIGENCE AS A MEDIATOR AND
ENHANCER OF LEARNING**

 <https://doi.org/10.63330/sasciencesv6n2-008>

Submetido em: 01/06/2026 e Publicado em: 09/06/2026

SAS: e26226

Luciano João da Silva

Mestrado

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Recife/PE

E-mail: luciano.joao@ufpe.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7521338210112105>

Eumenildes Pereira da Silva Carvalho

Especialista em Empreendedorismo e Inovação

IFPI

Teresina-Pi

E-mail: eumenildescarvalho999@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3153110132765615>

ORCID iD: 0009-0001-7709-8291

Antonio Marcos Leite Cavalcante

Mestrado profissional em Matemática

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Alto Alegre do Pindaré, Maranhão

E-mail: antoniomarcoslc2015@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8286470458322155>

Adones Rosalidia de Meneses

Mestrado em Geografia

Boa Vista/Roraima

E-mail: adones.lidia@hotmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8866512112690122>

Johann Early Torres de Alcântara

Especialização

IFPB

João Pessoa-PB

E-mail: johann.backend@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5248040585145584>



Zulene dos Santos Carvalho
Mestranda em Educação
Universidade Federal do Maranhão
UFMA/Codó
E-mail: zulene201605@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9116500948148558>

Jairo Aldemar Bastidas Gustin
Doutor
Pedagogo e arquiteto
Universidade São Francisco - USF
Bragança Paulista - São Paulo SP
E-mail: jairobg@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4072883527114864>

Ronilda Roacab de Meneses
Mestrado
UNIVATES
Boa Vista, Roraima
E-mail: oroacab@hotmail.com

Marcus Vinícius da Silva
Doutorando em Neurociências
UNIORLANDO
E-mail: profmarcusvinicius10@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7389066358469190>

Franciele Raquel Hickmann
Especialização em Anos Iniciais, Alfabetização e Letramento
Instituição - UniBF - União Brasileira de Faculdades
Barra Velha - SC
E-mail: franciele.rh@aluno.ifsc.edu.br
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3487839448153926>

RESUMO

A ampliação do uso da Inteligência Artificial (IA) nos contextos educacionais tem provocado reflexões acerca de suas potencialidades para promover práticas pedagógicas mais inclusivas, personalizadas e alinhadas às necessidades dos estudantes. Em um cenário marcado pela diversidade presente nas salas de aula, especialmente no atendimento a estudantes com diferentes condições de aprendizagem, transtornos do neurodesenvolvimento e necessidades educacionais específicas, a IA apresenta-se como recurso capaz de apoiar processos de mediação pedagógica, adaptação de materiais, personalização de atividades e ampliação do acesso ao conhecimento. O presente artigo tem como objetivo analisar as contribuições da Inteligência Artificial para a educação inclusiva, discutindo possibilidades, desafios e implicações éticas relacionadas à sua utilização no contexto escolar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza



bibliográfica, desenvolvida por meio de revisão narrativa da literatura, fundamentada em estudos sobre Inteligência Artificial, educação inclusiva, tecnologias educacionais e mediação docente. Os resultados indicam que a IA pode favorecer práticas mais acessíveis e responsivas às singularidades dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia, do engajamento e da participação. Entretanto, evidenciam também a necessidade de acompanhamento docente, formação crítica e atenção aos aspectos éticos envolvidos no uso dessas tecnologias. Conclui-se que a Inteligência Artificial possui potencial para fortalecer processos inclusivos quando utilizada como instrumento de apoio à ação pedagógica, sem substituir a mediação humana, o acolhimento e as relações educativas que constituem a essência da educação inclusiva.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Educação inclusiva; Aprendizagem; Mediação docente; Tecnologias educacionais.

ABSTRACT

The expansion of Artificial Intelligence (AI) in educational contexts has generated significant discussions regarding its potential to promote more inclusive, personalized, and responsive teaching practices. In classrooms increasingly marked by diversity, particularly concerning students with different learning profiles, neurodevelopmental disorders, and specific educational needs, AI emerges as a resource capable of supporting pedagogical mediation, adapting educational materials, personalizing activities, and expanding access to knowledge. This article aims to analyze the contributions of Artificial Intelligence to inclusive education, discussing its possibilities, challenges, and ethical implications within educational settings. The study adopts a qualitative approach and is based on a narrative literature review involving research on Artificial Intelligence, inclusive education, educational technologies, and teacher mediation. The findings suggest that AI can contribute to more accessible and responsive educational practices, fostering autonomy, engagement, and participation among students. However, the results also highlight the importance of teacher supervision, critical training, and ethical awareness regarding the use of such technologies. It is concluded that Artificial Intelligence has the potential to strengthen inclusive educational processes when employed as a support tool for pedagogical action, without replacing human mediation, empathy, and the educational relationships that constitute the foundation of inclusive education.

Keywords: Artificial Intelligence; Inclusive education; Learning; Teacher mediation; Educational technologies.



1 INTRODUÇÃO

A educação inclusiva consolidou-se, nas últimas décadas, como um dos principais compromissos das políticas educacionais contemporâneas, fundamentada no princípio de que todos os estudantes possuem direito à aprendizagem, à participação e ao desenvolvimento em ambientes escolares que respeitem suas singularidades. Nesse contexto, a escola é desafiada a construir práticas pedagógicas capazes de atender à diversidade presente nas salas de aula, reconhecendo diferentes ritmos, formas de aprendizagem, condições cognitivas, sensoriais, sociais e emocionais. Mais do que garantir o acesso físico ao espaço escolar, a inclusão pressupõe condições efetivas para que todos os sujeitos possam aprender, participar e desenvolver suas potencialidades.

A ampliação das tecnologias digitais e, mais recentemente, o avanço da Inteligência Artificial (IA), introduziram novas possibilidades para o enfrentamento desses desafios. Sistemas inteligentes, plataformas adaptativas, assistentes virtuais e ferramentas generativas passaram a integrar o cotidiano educacional, oferecendo recursos capazes de personalizar atividades, adaptar materiais, ampliar acessibilidade e apoiar processos de ensino e aprendizagem. Conforme destacam Silva et al. (2023), a Inteligência Artificial tem promovido mudanças significativas na educação ao possibilitar experiências de aprendizagem mais individualizadas, considerando características e necessidades específicas dos estudantes. Os autores afirmam que a personalização da aprendizagem constitui uma das contribuições mais relevantes da IA para os contextos educacionais contemporâneos.

Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Freitas et al. (2025), ao defenderem que os sistemas inteligentes possuem potencial para tornar os processos educacionais mais eficientes, precisos e responsivos às necessidades dos aprendizes. Segundo os autores, a IA tem o potencial de transformar significativamente os métodos tradicionais de avaliação, oferecendo uma abordagem mais personalizada e eficiente. Por meio de sistemas de avaliação adaptativa e feedback em tempo real, a IA pode melhorar a precisão das avaliações e promover um aprendizado mais eficaz.

Ainda que a discussão dos autores esteja voltada especialmente para a avaliação acadêmica, suas contribuições permitem refletir sobre possibilidades mais amplas da Inteligência Artificial na educação inclusiva, especialmente no que se refere à personalização de percursos formativos, ao acompanhamento individualizado e à ampliação das oportunidades de aprendizagem.

Entretanto, compreender a Inteligência Artificial apenas como solução tecnológica para problemas educacionais seria uma simplificação inadequada. Holmes e Tuomi (2022) alertam que a incorporação dessas tecnologias exige reflexão crítica acerca de seus impactos pedagógicos, sociais e éticos. De forma semelhante, Junqueira et al. (2026) argumentam que a utilização da IA na educação não pode restringir-se ao domínio técnico das ferramentas, sendo necessária uma compreensão crítica sobre seus efeitos nos processos de linguagem, autoria, produção de conhecimento e tomada de decisões pedagógicas. Os autores



defendem a superação de uma perspectiva meramente instrumental do letramento digital, enfatizando a centralidade da mediação docente e da formação humana nos contextos educativos.

Nessa direção, Moran afirma que as tecnologias digitais somente produzem impactos educacionais significativos quando articuladas a propostas pedagógicas consistentes. Para o autor, "o que faz a diferença não são os aplicativos, mas estarem nas mãos de educadores, gestores (e estudantes) com uma mente aberta e criativa". Tal compreensão torna-se particularmente relevante quando se discute educação inclusiva, uma vez que nenhum recurso tecnológico substitui o papel do professor na construção de ambientes acolhedores, acessíveis e pedagogicamente significativos.

As discussões sobre inclusão escolar também exigem considerar que estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), deficiências sensoriais, dificuldades de aprendizagem e outras especificidades podem se beneficiar de recursos tecnológicos capazes de adaptar conteúdos, diversificar estratégias didáticas e ampliar formas de comunicação. Nesse cenário, a Inteligência Artificial apresenta potencial para contribuir com práticas pedagógicas mais flexíveis e personalizadas, favorecendo processos de aprendizagem compatíveis com diferentes necessidades educacionais.

Diante desse contexto, emerge a seguinte questão de pesquisa: de que maneira a Inteligência Artificial pode atuar como mediadora e potencializadora da aprendizagem em contextos de educação inclusiva? A partir desse problema, o presente artigo tem como objetivo analisar as contribuições da Inteligência Artificial para a educação inclusiva, discutindo possibilidades pedagógicas, desafios e implicações éticas decorrentes de sua utilização no ambiente escolar.

Para alcançar esse objetivo, o estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, fundamentada em produções acadêmicas que abordam Inteligência Artificial, educação inclusiva, tecnologias educacionais, mediação docente e personalização da aprendizagem.

Este artigo está organizado em quatro seções principais, além desta introdução. Inicialmente, apresenta-se a metodologia da pesquisa, explicitando os procedimentos adotados para a revisão bibliográfica. Em seguida, desenvolve-se a fundamentação teórica, discutindo os conceitos de educação inclusiva, Inteligência Artificial, personalização da aprendizagem e mediação docente. Na sequência, são apresentados os resultados e discussões, analisando as potencialidades e os desafios da utilização da IA em contextos inclusivos. Por fim, as considerações finais retomam os principais achados do estudo, refletindo sobre os limites, possibilidades e perspectivas futuras para o uso ético e pedagógico da Inteligência Artificial na promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva.



2 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e revisão narrativa da literatura. A opção por esse percurso metodológico decorre da natureza do problema investigado, uma vez que compreender as contribuições da Inteligência Artificial para a educação inclusiva exige análise, interpretação e articulação de referenciais teóricos que discutem inclusão escolar, tecnologias educacionais, aprendizagem, mediação docente e inovação pedagógica. Mais do que mensurar fenômenos, buscou-se compreender sentidos, possibilidades e desafios relacionados à inserção da IA nos processos educativos contemporâneos.

A pesquisa bibliográfica constitui um caminho amplamente utilizado nas investigações em Educação por permitir o diálogo entre diferentes produções científicas e a construção de análises fundamentadas acerca de determinado fenômeno. Nesse sentido, foram selecionados livros, artigos científicos, documentos institucionais e produções acadêmicas que abordam a Inteligência Artificial aplicada à educação, a personalização da aprendizagem, a inclusão escolar e os desafios éticos decorrentes da crescente presença dos sistemas inteligentes nos ambientes educativos.

O corpus teórico foi constituído por estudos nacionais e internacionais que discutem tecnologias digitais e educação, com destaque para as contribuições de Moran, Holmes e Tuomi, UNESCO¹, Freire, além de pesquisas recentes voltadas especificamente aos impactos da Inteligência Artificial na aprendizagem e na mediação pedagógica. Também foram incorporados estudos que analisam os efeitos da IA na personalização do ensino, na avaliação acadêmica e na formação crítica dos estudantes, ampliando a compreensão do fenômeno investigado.

A escolha pela revisão narrativa justifica-se por possibilitar uma leitura ampla e interpretativa da produção científica disponível, permitindo estabelecer aproximações entre diferentes perspectivas teóricas. Diferentemente das revisões sistemáticas, cuja finalidade concentra-se no mapeamento rigoroso e exaustivo da literatura, a revisão narrativa favorece a construção de um debate teórico mais aprofundado, adequado à natureza reflexiva deste estudo.

A discussão desenvolvida neste artigo parte do entendimento de que as tecnologias educacionais não produzem transformações pedagógicas de forma automática. A relevância educativa de qualquer recurso tecnológico depende dos sentidos atribuídos pelos sujeitos que o utilizam e das intencionalidades pedagógicas que orientam sua inserção na prática escolar. Essa compreensão aproxima-se da reflexão apresentada por Moran ao discutir o papel das tecnologias digitais na educação:

¹ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.



“As tecnologias digitais hoje são muitas, acessíveis, instantâneas e podem ser utilizadas para aprender em qualquer lugar, tempo e de múltiplas formas. O que faz a diferença não são os aplicativos, mas estarem nas mãos de educadores, gestores (e estudantes) com uma mente aberta e criativa, capaz de encantar, de fazer sonhar, de inspirar.” (Moran, 2018, p. 1).

Essa perspectiva reforça a necessidade de compreender a Inteligência Artificial não como elemento isolado, mas como parte de um conjunto mais amplo de relações pedagógicas, culturais e sociais que atravessam os processos educativos.

A análise do material selecionado foi conduzida a partir de três eixos interpretativos. O primeiro refere-se às potencialidades da Inteligência Artificial para promover acessibilidade, personalização da aprendizagem e ampliação das oportunidades educacionais. O segundo contempla os desafios éticos, pedagógicos e sociais relacionados ao uso dessas tecnologias, incluindo questões de privacidade, autonomia e dependência tecnológica. O terceiro eixo aborda a centralidade da mediação docente na construção de práticas inclusivas capazes de utilizar os recursos tecnológicos sem abrir mão da dimensão humana da educação.

A pertinência dessa discussão torna-se ainda mais evidente diante das transformações produzidas pela Inteligência Artificial nos processos de ensino e aprendizagem. Conforme apontam Silva et al.:

“Os resultados revelam que a Inteligência Artificial na educação tem um impacto substancial. A personalização da aprendizagem é destacada como um dos principais avanços, adaptando o ensino às necessidades individuais dos alunos. No entanto, são discutidas preocupações éticas, como a precisão das respostas geradas pela IA e a proteção da privacidade dos dados dos alunos.” (Silva et al., 2023, p. 1).

Ao mesmo tempo em que amplia possibilidades de aprendizagem, a Inteligência Artificial introduz novos desafios para a prática educativa, exigindo análises que ultrapassem perspectivas meramente tecnicistas.

Da mesma forma, as reflexões desenvolvidas por Junqueira et al. evidenciam que a discussão sobre IA na educação não pode restringir-se ao domínio operacional das ferramentas digitais:

“Argumenta-se que a formação para o uso crítico da IA exige um deslocamento conceitual do letramento digital instrumental para um letramento digital crítico, capaz de enfrentar os impactos discursivos, políticos e educativos da automação nos processos de ensino e aprendizagem, reafirmando a centralidade da mediação docente e da formação humana na educação contemporânea.” (Junqueira et al., 2026, p. 1).

A partir dessas contribuições, o estudo procura compreender a Inteligência Artificial como recurso potencialmente relevante para a educação inclusiva, sem desconsiderar as tensões, limites e responsabilidades que acompanham sua incorporação ao cotidiano escolar. Assim, a metodologia adotada busca sustentar uma reflexão crítica sobre as possibilidades da IA como mediadora e potencializadora da



aprendizagem, reconhecendo que a construção de práticas inclusivas continua dependente do compromisso ético, pedagógico e humano dos educadores.

3 EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O DIREITO À APRENDIZAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

A construção de uma educação inclusiva constitui uma das mais importantes transformações ocorridas no campo educacional nas últimas décadas. A compreensão de que todos os estudantes possuem direito à aprendizagem, independentemente de suas características cognitivas, físicas, sociais ou culturais, deslocou a discussão da simples presença do aluno na escola para a efetiva participação nos processos educativos. Dessa forma, inclusão não significa apenas acesso ao espaço escolar, mas garantia de condições pedagógicas capazes de favorecer o desenvolvimento, a aprendizagem e o pertencimento de cada sujeito.

Nesse cenário, a diversidade deixa de ser compreendida como exceção e passa a ser reconhecida como característica constitutiva da própria escola. Cada estudante aprende de forma distinta, apresenta tempos diferentes de desenvolvimento e mobiliza estratégias particulares para construir conhecimento. A educação inclusiva emerge justamente da necessidade de reconhecer essas singularidades e transformar práticas pedagógicas tradicionalmente homogêneas em propostas mais flexíveis, acessíveis e responsivas às necessidades dos educandos.

Essa compreensão aproxima-se diretamente das reflexões de Paulo Freire acerca do respeito à condição humana dos estudantes. Ao discutir a prática educativa, o autor destaca que ensinar exige o reconhecimento das diferenças e das experiências que cada sujeito carrega consigo:

“Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Por isso mesmo, pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos chegam a ela, saberes socialmente construídos na prática comunitária.” (Freire, 1996, p. 30).

A reflexão freireana permanece atual ao evidenciar que a inclusão não pode ser compreendida apenas sob uma perspectiva técnica ou administrativa. O reconhecimento dos saberes, experiências e trajetórias dos estudantes constitui condição indispensável para que o processo educativo seja verdadeiramente democrático. Quando a escola valoriza as diferenças e constrói estratégias para atender às necessidades de seus estudantes, fortalece também os princípios da inclusão e da equidade.

A discussão torna-se ainda mais relevante diante do crescimento dos diagnósticos relacionados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), ao Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), às deficiências intelectuais, sensoriais e às diferentes condições que atravessam os processos de aprendizagem. Nessas situações, a necessidade de adaptação curricular, diversificação metodológica e acompanhamento individualizado torna-se parte fundamental do trabalho pedagógico.



Estudos recentes reforçam essa compreensão ao destacar que a inclusão escolar depende de ações articuladas entre professores, gestão escolar, família e políticas institucionais de apoio. A permanência do estudante na escola não está relacionada apenas à matrícula ou ao acesso físico ao espaço educativo, mas ao sentimento de acolhimento, pertencimento e participação efetiva nos processos de aprendizagem.

Nessa perspectiva, Magnus, Souza e Germann (2025) observam que o trabalho pedagógico voltado aos estudantes com TEA exige práticas capazes de respeitar ritmos individuais, favorecer interações sociais e criar oportunidades reais de participação. As autoras destacam que a inclusão efetiva ocorre quando a escola abandona uma lógica centrada nas limitações do estudante e passa a concentrar seus esforços na eliminação das barreiras que dificultam sua aprendizagem.

O debate também alcança a dimensão institucional da inclusão. Ao analisarem a relação entre escola, família e cultura inclusiva, Oliveira et al. (2026) defendem que a construção de ambientes educacionais inclusivos depende de uma atuação coletiva e contínua. Segundo os autores:

“A inclusão escolar não pode ser compreendida como responsabilidade exclusiva do professor. Trata-se de um compromisso institucional que envolve gestão, família, profissionais especializados e toda a comunidade escolar na construção de uma cultura de pertencimento e respeito às diferenças.” (Oliveira et al., 2026, p. 14).

A afirmação permite compreender que os desafios da inclusão ultrapassam a sala de aula. A construção de uma escola inclusiva exige revisão de práticas, reorganização institucional e fortalecimento de redes de apoio que permitam ao estudante desenvolver suas potencialidades em um ambiente acolhedor.

Paralelamente, a sociedade contemporânea tem sido marcada pela crescente presença das tecnologias digitais em praticamente todos os espaços de convivência humana. A escola, inevitavelmente, também passa a conviver com esse fenômeno. As tecnologias deixam de ocupar posição periférica para assumirem papel cada vez mais relevante na comunicação, na produção do conhecimento e na organização das práticas pedagógicas.

A cultura digital, conforme discutida por Castells, transformou profundamente as formas de interação social e de circulação das informações. No contexto educacional, essas transformações ampliam possibilidades de acesso ao conhecimento, criação de materiais acessíveis e personalização dos percursos formativos. Contudo, também introduzem novos desafios relacionados à formação crítica, à mediação pedagógica e ao uso ético das tecnologias.

É justamente nesse ponto que a discussão sobre Inteligência Artificial passa a dialogar diretamente com a educação inclusiva. Ao possibilitar adaptações, personalizações e recursos de acessibilidade anteriormente difíceis de serem implementados em larga escala, a IA apresenta potencial para ampliar



oportunidades educacionais. Entretanto, sua utilização somente fará sentido se estiver comprometida com os princípios da inclusão, da equidade e do respeito às singularidades dos estudantes

Assim, compreender os fundamentos da educação inclusiva torna-se condição necessária para analisar, de forma crítica, as contribuições e os limites da Inteligência Artificial nos processos de ensino e aprendizagem. Antes de discutir ferramentas, plataformas ou sistemas inteligentes, é preciso reconhecer que a inclusão continua sendo um compromisso humano, ético e pedagógico que antecede qualquer inovação tecnológica.

4 INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, PERSONALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM E ACESSIBILIDADE EDUCACIONAL

As transformações tecnológicas observadas nas primeiras décadas do século XXI modificaram profundamente os modos de comunicação, produção do conhecimento e interação social. No campo educacional, essas mudanças tornaram-se ainda mais evidentes com a ampliação das tecnologias digitais e, mais recentemente, com a popularização dos sistemas de Inteligência Artificial generativa. Ferramentas capazes de produzir textos, imagens, resumos, roteiros, exercícios e respostas em poucos segundos passaram a integrar o cotidiano de estudantes e professores, inaugurando novos desafios e possibilidades para os processos de ensino e aprendizagem.

O debate sobre Inteligência Artificial na educação não se restringe ao uso de ferramentas tecnológicas. Trata-se de compreender como esses sistemas influenciam a aprendizagem, a construção da autonomia, a autoria e as formas de acesso ao conhecimento. Nesse sentido, a IA pode ser entendida como um conjunto de tecnologias capazes de processar grandes volumes de dados, identificar padrões, realizar inferências e oferecer respostas baseadas em modelos computacionais complexos.

A própria definição de Inteligência Artificial demonstra a amplitude desse campo de conhecimento. Gomes observa que a IA busca desenvolver sistemas capazes de executar tarefas que tradicionalmente exigiriam capacidades cognitivas humanas. Ao discutir esse conceito, o autor afirma:

“A inteligência artificial sistematiza e automatiza tarefas intelectuais e, portanto, é potencialmente relevante para qualquer esfera da atividade intelectual humana. Nesse sentido, ela é um campo universal.” (Gomes, 2010, p. 235).

Embora essa discussão tenha sido produzida antes da popularização dos atuais modelos generativos, ela permite compreender que a IA não constitui uma inovação restrita ao campo tecnológico. Seus impactos alcançam diferentes dimensões da vida social, incluindo os processos educacionais e as formas de aprender.

A presença dessas tecnologias na educação tem sido frequentemente associada à personalização da aprendizagem. Em oposição aos modelos tradicionais, centrados em percursos homogêneos para todos os



estudantes, a personalização busca considerar características individuais, ritmos de aprendizagem, dificuldades específicas e necessidades particulares dos educandos. Em contextos inclusivos, essa possibilidade assume importância ainda maior, pois amplia oportunidades de participação para estudantes que historicamente encontraram barreiras nos sistemas educacionais convencionais.

A literatura recente evidencia que a personalização constitui uma das principais contribuições da Inteligência Artificial para a educação. A análise realizada por Silva et al. conclui que:

“Os resultados revelam que a Inteligência Artificial na educação tem um impacto substancial. A personalização da aprendizagem é destacada como um dos principais avanços, adaptando o ensino às necessidades individuais dos alunos.” (Silva et al., 2023, p. 1).

Essa capacidade de adaptação torna-se especialmente relevante quando se considera a diversidade presente nas salas de aula contemporâneas. Estudantes com TEA, TDAH, deficiências sensoriais, dificuldades de aprendizagem ou necessidades educacionais específicas podem se beneficiar de recursos que oferecem diferentes formas de apresentação dos conteúdos, níveis graduais de complexidade, feedback imediato e percursos personalizados.

A aprendizagem personalizada também aparece de forma recorrente nos estudos que analisam o potencial da IA para a educação. Em uma revisão sistemática da literatura, destaca-se que a adaptação do ensino às características individuais dos estudantes constitui uma das principais tendências observadas nos ambientes educacionais mediados por tecnologias inteligentes.

Nesse contexto, ferramentas baseadas em Inteligência Artificial podem auxiliar professores na elaboração de atividades diferenciadas, adaptação de textos para diferentes níveis de leitura, criação de materiais acessíveis e construção de estratégias de apoio ao acompanhamento dos estudantes. Em vez de substituir a ação docente, esses recursos podem ampliar as possibilidades de intervenção pedagógica, sobretudo em turmas marcadas pela heterogeneidade.

As discussões sobre tecnologias educacionais desenvolvidas por Moran também contribuem para compreender esse movimento. Ao refletir sobre as potencialidades das tecnologias digitais para a aprendizagem, o autor destaca que a flexibilidade constitui uma das características mais relevantes dos ambientes digitais contemporâneos:

“As tecnologias digitais são importantes também para personalizar o processo de aprendizagem, para a elaboração de roteiros individuais, que os alunos podem acessar e estudar no seu ritmo. Essa flexibilidade permite que cada aluno possa progredir de acordo com sua capacidade, ritmo e situação.” (Moran, 2018, p. 3).



Essa observação dialoga diretamente com os princípios da educação inclusiva. A possibilidade de adequar percursos formativos às necessidades dos estudantes aproxima-se da defesa de uma escola que reconhece as diferenças não como obstáculos, mas como elementos constitutivos dos processos educativos.

Entretanto, os benefícios da Inteligência Artificial não eliminam as tensões presentes em sua utilização. A mesma tecnologia que amplia possibilidades de personalização também pode produzir dependência tecnológica, superficialidade informacional e redução da autonomia intelectual quando utilizada sem mediação crítica.

Refletindo sobre os impactos da cultura digital e da Inteligência Artificial na aprendizagem contemporânea, destaca-se que os ambientes digitais oferecem oportunidades de criação, experimentação e personalização, mas introduzem igualmente riscos relacionados à superficialidade dos processos cognitivos e ao enfraquecimento do pensamento crítico. A aprendizagem mediada por sistemas automatizados exige, portanto, acompanhamento pedagógico capaz de transformar informação em conhecimento e tecnologia em experiência formativa.

Essa preocupação aparece de forma ainda mais explícita em estudos recentes sobre letramento digital crítico. A incorporação da Inteligência Artificial aos processos educativos não pode limitar-se ao domínio técnico das ferramentas ou à capacidade de produzir respostas rápidas. O desafio consiste em formar estudantes capazes de compreender como esses sistemas funcionam, identificar seus limites, questionar informações produzidas automaticamente e assumir posição crítica diante dos conteúdos gerados.

Nesse sentido, uma importante reflexão é apresentada por Junqueira et al.:

“A formação para o uso crítico da IA exige um deslocamento conceitual do letramento digital instrumental para um letramento digital crítico, capaz de enfrentar os impactos discursivos, políticos e educativos da automação nos processos de ensino e aprendizagem.” (Junqueira et al., 2026, p. 1).

A citação evidencia que o potencial inclusivo da Inteligência Artificial não depende apenas das capacidades técnicas dos sistemas, mas da forma como esses recursos são incorporados ao projeto pedagógico da escola. Sem formação crítica, a tecnologia corre o risco de reproduzir desigualdades já existentes, reforçar estereótipos ou limitar experiências de aprendizagem mais profundas.

Assim, a Inteligência Artificial apresenta-se como ferramenta capaz de ampliar a acessibilidade, personalizar percursos formativos e apoiar práticas inclusivas. Contudo, seu potencial educativo somente se concretiza quando articulado à intencionalidade pedagógica, à reflexão ética e à mediação humana. Mais do que automatizar tarefas, a escola precisa utilizar essas tecnologias para fortalecer a participação, a autonomia e o desenvolvimento integral dos estudantes, especialmente daqueles que historicamente enfrentaram maiores barreiras para aprender e participar dos processos educacionais.



5 MEDIAÇÃO DOCENTE, ÉTICA E DESAFIOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A incorporação da Inteligência Artificial aos contextos educacionais tem sido frequentemente acompanhada por discursos que enfatizam eficiência, rapidez e inovação. Embora essas características sejam relevantes, a centralidade do processo educativo continua residindo nas relações humanas que se estabelecem entre professores, estudantes e conhecimento. A aprendizagem não ocorre exclusivamente pelo acesso à informação ou pela utilização de recursos tecnológicos sofisticados. Ela envolve diálogo, escuta, acolhimento, interação social e construção compartilhada de sentidos, elementos que permanecem indispensáveis mesmo diante dos avanços tecnológicos mais recentes.

Quando o debate se desloca para a educação inclusiva, essa constatação torna-se ainda mais evidente. Estudantes com necessidades educacionais específicas frequentemente necessitam de acompanhamento individualizado, apoio emocional, flexibilização de estratégias e intervenções que ultrapassam a capacidade de qualquer sistema automatizado. Nesse contexto, a Inteligência Artificial pode ampliar possibilidades pedagógicas, mas não substitui a sensibilidade, a escuta e o olhar atento do professor diante das singularidades de cada estudante.

A relevância da mediação docente tem sido destacada em diferentes estudos sobre tecnologias educacionais. A própria discussão acerca da aprendizagem ativa pressupõe a atuação de professores capazes de orientar percursos investigativos, estimular a reflexão crítica e promover experiências significativas de aprendizagem. Nessa perspectiva, a tecnologia deixa de ocupar posição central e passa a funcionar como instrumento de apoio ao trabalho pedagógico.

Refletindo sobre as transformações digitais que atravessam a educação contemporânea, destaca-se que o desafio não está simplesmente em inserir tecnologias na escola, mas em construir práticas capazes de promover participação, autoria e pensamento crítico. A utilização da Inteligência Artificial exige acompanhamento docente permanente para que os estudantes aprendam não apenas a utilizar ferramentas, mas também a compreender seus limites, potencialidades e implicações sociais.

Essa discussão aproxima-se das contribuições de Paulo Freire, para quem ensinar nunca constituiu um ato de transferência mecânica de informações. Ao contrário, o processo educativo exige diálogo, problematização e construção coletiva do conhecimento. Em uma de suas reflexões mais conhecidas, o autor afirma: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (Freire, 1996, p. 47).

A afirmação ganha novos significados diante da presença crescente da Inteligência Artificial na educação. Se a aprendizagem não se reduz à recepção de conteúdos prontos, tampouco pode ser substituída pela simples obtenção de respostas produzidas por sistemas automatizados. O papel do professor continua



sendo o de provocar questionamentos, estimular interpretações, promover conexões e favorecer processos de construção do conhecimento.

As preocupações éticas relacionadas à Inteligência Artificial também ocupam posição central nas discussões contemporâneas. A crescente utilização de sistemas algorítmicos na educação introduz questões relacionadas à privacidade dos dados, à transparência dos processos automatizados, à produção de vieses e à autonomia dos sujeitos envolvidos. Embora muitas vezes apresentados como neutros, os sistemas inteligentes são desenvolvidos por pessoas, alimentados por bases de dados específicas e influenciados por escolhas técnicas e políticas que podem impactar diretamente os resultados produzidos.

Essas preocupações aparecem de forma recorrente na literatura recente. Ao analisarem a utilização da IA em contextos educacionais, Silva et al. observam que:

“No entanto, são discutidas preocupações éticas, como a precisão das respostas geradas pela IA e a proteção da privacidade dos dados dos alunos. A integração eficaz entre a IA e a supervisão humana é enfatizada como crucial para garantir uma educação de alta qualidade.” (Silva et al., 2023, p. 1).

A observação dos autores reforça uma ideia fundamental para este estudo: a qualidade educacional não depende exclusivamente da tecnologia utilizada, mas da forma como ela é integrada às práticas pedagógicas e supervisionada pelos profissionais da educação.

Em direção semelhante, Holmes e Tuomi alertam que o uso da Inteligência Artificial pode ampliar desigualdades quando implementado sem critérios éticos claros. Sistemas treinados com bases de dados limitadas podem reproduzir preconceitos, invisibilizar grupos sociais ou oferecer respostas inadequadas para determinados contextos culturais e educacionais. Dessa forma, a inovação tecnológica precisa ser acompanhada por reflexão crítica e responsabilidade social.

A preocupação com os limites do uso instrumental da tecnologia também aparece nas discussões desenvolvidas por Junqueira et al. Ao problematizarem a relação entre Inteligência Artificial, linguagem e letramento digital, os autores destacam:

“A expansão da Inteligência Artificial nos contextos educacionais tem sido frequentemente associada ao fortalecimento do letramento digital e à formação de cidadãos críticos. No entanto, grande parte dessas abordagens permanece ancorada em concepções instrumentais de tecnologia e de letramento, centradas no domínio técnico de ferramentas e na adaptação funcional a ambientes digitais.” (Junqueira et al., 2026, p. 1).

A crítica apresentada pelos autores é particularmente relevante para a educação inclusiva. O simples acesso à tecnologia não garante inclusão. Da mesma forma, o domínio operacional de ferramentas digitais não assegura participação, pertencimento ou aprendizagem significativa. A inclusão exige que os recursos



tecnológicos estejam articulados a princípios pedagógicos capazes de reconhecer as diferenças e promover oportunidades efetivas de desenvolvimento.

Outro aspecto que merece atenção refere-se à autoria. Ferramentas generativas são capazes de produzir textos, resumos, imagens e respostas em poucos segundos, criando situações inéditas para professores e estudantes. Se, por um lado, esses recursos podem apoiar processos de aprendizagem, por outro, levantam questionamentos sobre originalidade, produção intelectual e desenvolvimento do pensamento crítico.

Em ambientes inclusivos, essa questão torna-se ainda mais delicada. Muitos estudantes podem encontrar na Inteligência Artificial uma importante ferramenta de apoio à aprendizagem, organização de ideias ou adaptação de conteúdos. Entretanto, o uso pedagógico desses recursos deve favorecer a autonomia e não a substituição do esforço cognitivo necessário à construção do conhecimento.

Nesse sentido, a mediação docente assume papel estratégico. Cabe ao professor orientar o uso responsável da tecnologia, propor atividades que valorizem reflexão e autoria, problematizar respostas prontas e criar situações em que a Inteligência Artificial seja utilizada como recurso complementar ao desenvolvimento intelectual dos estudantes. O foco desloca-se da tecnologia em si para os processos educativos que ela pode potencializar.

Diante dessas considerações, torna-se possível afirmar que os desafios da Inteligência Artificial na educação inclusiva não são apenas tecnológicos, mas sobretudo pedagógicos, éticos e humanos. O potencial transformador dessas ferramentas depende menos de sua capacidade computacional e mais da forma como são integradas a projetos educativos comprometidos com a inclusão, a equidade, a formação crítica e o respeito às singularidades dos sujeitos. Assim, a mediação docente permanece como elemento indispensável para que a inovação tecnológica contribua efetivamente para uma educação mais democrática, acessível e humanizadora.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise da literatura evidencia que a Inteligência Artificial vem assumindo papel cada vez mais relevante nos debates educacionais contemporâneos, especialmente quando associada à personalização da aprendizagem, à ampliação da acessibilidade e ao fortalecimento de práticas pedagógicas inclusivas. Os estudos examinados convergem ao apontar que a utilização de sistemas inteligentes pode contribuir para a adaptação de conteúdos, diversificação de estratégias de ensino e acompanhamento mais individualizado dos estudantes, aspectos particularmente relevantes em contextos marcados pela diversidade presente nas salas de aula.

Entre as contribuições mais frequentemente identificadas encontra-se a possibilidade de personalização dos percursos formativos. Em modelos tradicionais de ensino, os estudantes costumam ser



submetidos a um mesmo conjunto de atividades, conteúdos e avaliações, independentemente de suas características individuais. A Inteligência Artificial, por sua vez, permite ampliar as possibilidades de adequação pedagógica, favorecendo experiências mais compatíveis com ritmos, interesses e necessidades específicas de aprendizagem.

Nesse aspecto, a literatura analisada demonstra que estudantes com necessidades educacionais específicas podem se beneficiar significativamente de recursos baseados em IA. Ferramentas capazes de adaptar textos, converter informações para diferentes formatos, produzir sínteses, oferecer feedback imediato ou auxiliar na organização das tarefas escolares tendem a reduzir barreiras que historicamente dificultaram a participação de muitos estudantes nos processos educativos.

Os resultados apresentados por Silva et al. reforçam essa compreensão ao destacarem que a personalização da aprendizagem figura entre os principais benefícios observados na utilização educacional da Inteligência Artificial. A possibilidade de adaptação dos percursos de ensino às características individuais dos estudantes aproxima-se diretamente dos princípios da educação inclusiva, uma vez que reconhece a diversidade como elemento constitutivo do processo educativo e não como exceção a ser corrigida.

Além da personalização, outro aspecto recorrente refere-se ao potencial da IA para ampliar a acessibilidade. Recursos de leitura automática, reconhecimento de voz, tradução instantânea, simplificação textual e geração de materiais adaptados podem favorecer o acesso ao conhecimento por estudantes com diferentes necessidades educacionais. Embora tais recursos não eliminem integralmente as barreiras existentes, constituem ferramentas importantes para apoiar práticas pedagógicas mais inclusivas.

Entretanto, os resultados da revisão também indicam que os benefícios da Inteligência Artificial não se concretizam de maneira automática. A presença da tecnologia, por si só, não garante aprendizagem, inclusão ou participação. Pelo contrário, quando utilizada sem planejamento pedagógico ou sem acompanhamento docente adequado, a IA pode ampliar desigualdades já existentes ou produzir novas formas de exclusão.

Essa constatação dialoga diretamente com as reflexões de Moran, para quem a qualidade das experiências educacionais depende muito mais das escolhas pedagógicas do que das ferramentas utilizadas. Em sua análise sobre tecnologias digitais e aprendizagem, o autor destaca: “O que faz a diferença não são os aplicativos, mas estarem nas mãos de educadores, gestores (e estudantes) com uma mente aberta e criativa, capaz de encantar, de fazer sonhar, de inspirar.” (Moran, 2018, p. 1).

A afirmação permite compreender que a tecnologia não substitui a intencionalidade pedagógica. Mesmo diante de recursos sofisticados, continua sendo responsabilidade da escola e dos professores construir experiências educativas que promovam desenvolvimento humano, participação e aprendizagem significativa.



Outro resultado relevante observado na literatura refere-se à permanência da mediação docente como elemento central dos processos educativos. Embora a Inteligência Artificial seja frequentemente apresentada como ferramenta capaz de automatizar tarefas, produzir conteúdos e auxiliar na tomada de decisões, os estudos analisados apontam que o papel do professor permanece indispensável para orientar, contextualizar e problematizar o uso dessas tecnologias.

A relevância dessa mediação torna-se ainda mais evidente quando se consideram os riscos associados ao uso indiscriminado da IA. Questões relacionadas à confiabilidade das informações produzidas, aos vieses algorítmicos, à privacidade dos dados e à dependência tecnológica aparecem de forma recorrente nos estudos examinados. Em contextos inclusivos, tais preocupações assumem importância adicional, pois decisões automatizadas inadequadas podem impactar diretamente estudantes que já enfrentam situações de vulnerabilidade ou exclusão.

As discussões propostas por Holmes e Tuomi reforçam essa preocupação ao alertarem que os sistemas inteligentes não são neutros e podem reproduzir desigualdades presentes nos dados utilizados para seu treinamento. Dessa forma, a adoção de tecnologias educacionais baseadas em IA exige avaliação constante de seus impactos pedagógicos, sociais e éticos, especialmente quando aplicadas a contextos marcados pela diversidade humana.

Os achados da revisão também indicam que a formação docente emerge como um dos principais desafios para a utilização crítica e responsável da Inteligência Artificial na educação. Muitos professores convivem diariamente com estudantes que utilizam ferramentas generativas, mas ainda possuem poucas oportunidades de formação voltadas à compreensão dos limites, potencialidades e implicações pedagógicas desses recursos.

Nesse sentido, destaca-se a necessidade de superar abordagens centradas exclusivamente no domínio operacional das ferramentas digitais. A formação docente precisa contemplar aspectos éticos, pedagógicos e críticos, possibilitando que os educadores compreendam não apenas como utilizar a tecnologia, mas também por que utilizá-la, em quais situações e com quais finalidades educativas.

As reflexões desenvolvidas por Junqueira et al. contribuem significativamente para esse debate ao defenderem que a educação contemporânea necessita avançar de um letramento digital instrumental para um letramento digital crítico. Essa mudança implica compreender a Inteligência Artificial não apenas como ferramenta tecnológica, mas como fenômeno capaz de interferir nos processos de linguagem, autoria, produção de conhecimento e formação humana.

Outro aspecto que merece destaque refere-se à relação entre inclusão e autonomia. Os estudos analisados sugerem que a IA pode favorecer processos de aprendizagem mais autônomos, permitindo que estudantes acessem conteúdos adaptados, revisem materiais em diferentes ritmos e utilizem recursos personalizados de apoio ao estudo. Contudo, autonomia não deve ser confundida com isolamento. A



aprendizagem continua sendo um processo social que depende de interações, trocas e experiências compartilhadas.

Sob essa perspectiva, a Inteligência Artificial apresenta maior potencial quando integrada a propostas pedagógicas colaborativas, dialógicas e centradas no desenvolvimento integral dos estudantes. O desafio não consiste em substituir relações humanas por sistemas automatizados, mas em utilizar a tecnologia para ampliar possibilidades de participação, acessibilidade e aprendizagem.

De modo geral, os resultados discutidos permitem afirmar que a Inteligência Artificial pode atuar como importante mediadora e potencializadora da aprendizagem em contextos inclusivos. Seus benefícios tornam-se mais evidentes quando associados à personalização do ensino, à ampliação da acessibilidade e ao apoio às práticas pedagógicas. Contudo, tais contribuições dependem diretamente da atuação docente, da reflexão ética e da construção de propostas educacionais comprometidas com os princípios da inclusão e da equidade. Assim, a efetividade da IA na educação inclusiva não reside apenas em sua capacidade tecnológica, mas na forma como é incorporada aos projetos pedagógicos e às relações humanas que sustentam o processo educativo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crescente presença da Inteligência Artificial nos contextos educacionais tem provocado debates que ultrapassam questões técnicas e alcançam dimensões pedagógicas, éticas e sociais. Em um cenário marcado pela ampliação das tecnologias digitais e pela diversidade presente nas salas de aula, compreender as contribuições da IA para a educação inclusiva tornou-se uma necessidade para pesquisadores, gestores e professores comprometidos com a construção de práticas educativas mais acessíveis e equitativas.

O presente estudo teve como objetivo analisar as contribuições da Inteligência Artificial para a educação inclusiva, discutindo suas potencialidades, desafios e implicações para os processos de ensino e aprendizagem. A partir da revisão bibliográfica realizada, foi possível identificar que a IA apresenta potencial significativo para favorecer a personalização da aprendizagem, ampliar a acessibilidade aos conteúdos escolares, apoiar a adaptação de materiais pedagógicos e auxiliar na construção de percursos formativos mais compatíveis com as necessidades dos estudantes.

Os estudos analisados demonstram que recursos baseados em Inteligência Artificial podem contribuir para reduzir barreiras de aprendizagem, especialmente em contextos que envolvem estudantes com necessidades educacionais específicas. Ferramentas de adaptação textual, reconhecimento de voz, organização de informações, feedback automatizado e personalização de atividades apresentam potencial para ampliar oportunidades educacionais e favorecer processos mais inclusivos.

Entretanto, a pesquisa também evidenciou que a simples presença da tecnologia não garante inclusão, aprendizagem ou participação. Os benefícios da Inteligência Artificial dependem diretamente das



formas como esses recursos são incorporados às práticas pedagógicas e aos projetos educativos das instituições de ensino. A mediação docente permanece como elemento indispensável para orientar, contextualizar, problematizar e atribuir significado ao uso das tecnologias no ambiente escolar.

As discussões desenvolvidas ao longo do artigo reforçam que a educação inclusiva continua fundamentada em princípios humanos, éticos e pedagógicos que não podem ser substituídos por sistemas automatizados. Acolhimento, escuta, respeito às diferenças, construção de vínculos e valorização das singularidades dos estudantes permanecem como dimensões centrais do processo educativo. Nesse sentido, a Inteligência Artificial deve ser compreendida como ferramenta de apoio à ação pedagógica e não como substituta do professor ou das relações educativas.

Outro aspecto relevante identificado refere-se à necessidade de formação docente para o uso crítico e responsável da Inteligência Artificial. A expansão dessas tecnologias exige que professores compreendam seus limites, potencialidades e implicações éticas, desenvolvendo competências que permitam integrar recursos digitais às práticas educativas sem abrir mão da reflexão crítica e da autonomia pedagógica. Mais do que aprender a utilizar ferramentas, torna-se necessário compreender seus impactos na produção do conhecimento, na autoria, na aprendizagem e na formação humana.

Conclui-se, portanto, que a Inteligência Artificial possui potencial para atuar como mediadora e potencializadora da aprendizagem em contextos de educação inclusiva, desde que sua utilização esteja articulada à intencionalidade pedagógica, à formação crítica dos sujeitos e ao compromisso com a equidade educacional. O futuro da inclusão escolar não depende exclusivamente do avanço tecnológico, mas da capacidade de integrar inovação, sensibilidade humana e responsabilidade ética na construção de uma educação que reconheça e valorize a diversidade como elemento constitutivo da aprendizagem.

Sugere-se, para pesquisas futuras, o desenvolvimento de estudos empíricos que investiguem experiências concretas de utilização da Inteligência Artificial em contextos inclusivos, analisando seus impactos sobre a aprendizagem, a participação dos estudantes e a prática docente. Tais investigações poderão ampliar a compreensão acerca das possibilidades e limites dessas tecnologias, contribuindo para o fortalecimento de uma educação inclusiva comprometida com a formação integral dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 66. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Clayton Alencar de et al. Impacto da Inteligência Artificial na avaliação acadêmica: transformando métodos tradicionais de avaliação no ensino superior. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 2736-2752, 2025.



GOMES, Dennis dos Santos. Inteligência Artificial: conceitos e aplicações. *Revista Olhar Científico*, Ariquemes, v. 1, n. 2, p. 234-246, 2010.

HOLMES, Wayne; TUOMI, Ilkka. *Artificial Intelligence and Education: Critical Perspectives and Practices*. Cham: Springer, 2022.

JUNQUEIRA, Joice Marisa Görden et al. Para além do uso instrumental: Inteligência Artificial, linguagem e os limites do letramento digital na educação contemporânea. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 1-13, 2026.

MAGNUS, Angela Maria Bianchini; SOUZA, Marilene de; GERMANN, Vanderléia Sala Scheffer. Inclusão da criança autista em sala de aula. *Humanas em Perspectiva*, v. 2, 2025.

MORAN, José. *Tecnologias digitais para uma aprendizagem ativa e inovadora*. São Paulo: Instituto Singularidades, 2018.

OLIVEIRA, Irinaldo Carlos et al. Entre a escola e a família: o papel da gestão escolar na construção de uma cultura inclusiva para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). *Revista Tópicos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-30, 2026.

SILVA, Keila Ramos da et al. Inteligência Artificial e seus impactos na educação: uma revisão sistemática. *RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar*, v. 4, n. 11, e4114353, 2023.

UNESCO. *Guidance for generative AI in education and research*. Paris: UNESCO, 2023.

UNESCO. *Recommendation on the Ethics of Artificial Intelligence*. Paris: UNESCO, 2021.